



Hibridismo, mestiçagem e Transculturação: Tendências do Vocabulário Antropológico *in voga na Moda*¹

Inara FONSECA²
Ludmila BRANDÃO³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

Com o fenômeno da globalização, a intensificação da circulação de objetos, pessoas e informações têm possibilitado o constante fluxo e reorganização das práticas culturais na sociedade contemporânea. Do contato com o outro surgem misturas denominadas transculturação, hibridação e mestiçagem, termos amplamente difundidos e utilizados pela antropologia contemporânea que têm sido apropriados por outras áreas. Visitando Canclini, Grunzinski e Hannerz, este estudo pretende avaliar as utilizações desses vocábulos feitas pelo campo da moda em sua articulação com os conceitos oriundos dos estudos de cultura.

Palavras chaves: hibridismo; mestiçagem; transculturação; moda; globalização.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no curso de Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, MT, email: inarafferreira@gmail.com

³ Orientadora e professora do curso de Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, MT, email: ludbran@terra.com.br



“Essa crioula tem o olho azul
Essa lourinha tem cabelo bombril
Aquele índia tem sotaque do Sul
Essa mulata é da cor do Brasil
(...)
Häagen-dazs de mangaba
Chateau canela-preta
Cachaça *made in Carmo* dando a volta no planeta”
Paralamas do Sucesso

O trecho da música dos “Paralamas do Sucesso” mostra o encontro e a mistura de etnias, continentes, bens de consumo, e, finalmente, de culturas. Em tempos de globalização, em que a intensificação dos fluxos aumenta a circulação de pessoas, objetos e informações de maneira sistemática, questões como hibridez, mistura, miscigenação, sincretismo, bricolagem, transculturação e tantos outros termos utilizados pra designar fusões, tornam-se uma constante nas reflexões sobre cultura contemporânea.

A circulação entre os povos, de um modo geral, pode ser encontrada em diferentes escalas na história da humanidade. A própria globalização, tida como o momento máximo dessa intensificação dos fluxos, não é exatamente algo recente, já que a noção de um mundo interligado, segundo Gruzinski (1999), é presente desde a época das grandes navegações. Entretanto, não há muitas semelhanças entre o cruzamento dos oceanos de Vasco da Gama em busca das Índias e a globalização atual.

O que vivemos hoje é um processo complexo de interações sócio-econômicas, políticas e culturais, o qual incide em todas as práticas sociais. Com a queda das barreiras comerciais, a livre circulação de capital, as constantes inovações tecnológicas e a rapidez na circulação das informações, as mudanças na sociedade ocorrem de forma contraditória, desigual, plural em conteúdo e direção, e com uma velocidade jamais vista.

Marc Abélès (2001), no prefácio de *Aprés Le colonialisme*, de Arjun Appadurai, chega a afirmar que a circulação, mais do que estruturas e os organismos estáveis, é o fenômeno que define o mundo contemporâneo.

Com um discurso homogeneizante, o fenômeno da globalização, parece ter tido, ao menos no primeiro momento, a pretensão de tornar os indivíduos iguais, finalmente

realizando aquilo que foi concebido como uma aldeia global. Entretanto, com o surgimento de tecnologias e mídias as quais permitem a circulação de informação de forma praticamente instantânea, a exemplo das mídias virtuais, não somente o contato com o Outro, e todas as suas diferenças, tornou-se inevitável e intensificado como também as transformações ocasionadas por esses encontros.

Em *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, Néstor Canclini remete-se à exposição performática de Yukinori Yanagi, *The World Flag Ant Farm*, na Bienal de Veneza de 1993 e, posteriormente, em 1996, na 23ª Bienal Internacional de São Paulo, para demonstrar o potencial de transformação da circulação no cenário contemporâneo.

The World Flag Ant Farm reunia inúmeras caixas de acrílico transparente cheias de grãos açucarados coloridos compondo, cada uma, uma bandeira nacional. As caixas se intercomunicavam através de tubos plásticos. No primeiro dia da exposição, um grupo de formigas foi colocado no sistema que se caracterizou, a partir daí, por um intenso trânsito de formigas que perambulavam⁴ entre os “países”. Com o passar dos dias, a perambulação das formigas vai misturando os grãos coloridos até dissolver os limites e marcas identitárias daquelas “nações”.

Para Canclini, a metáfora criada por Yanagi, além de expor as variadas interações culturais que ocorrem entre os povos, também sugere que eles estão em uma constante e indiscriminada interatividade. No interior dos tubos plásticos que ligam as caixas, co-existem sujeitos distintos que ao entrarem em contato se misturam sistematicamente. “Os tubos plásticos, enquanto entre-lugares de passagem e aproximação, representam os fluxos multidirecionais de uma diferença cultural em processo de mescla e fragmentação”. (BARBERENA, 2008, p.138)

Segundo Hannerz (1997), a idéia de fluxo sugere uma espécie de continuidade e passagem. Termo extremamente ligado com a globalização, fluxo designa mobilidade. Amparado em Scott Lash e John Urry, Hannerz afirma que somos a sociedade do fluxo e por isso a palavra perpassa todas as áreas.

Scott Lash e John Urry (1994:4,12), teóricos sociais, dizem que as sociedades deste final de século se caracterizam por fluxos de capital, trabalho, mercadorias, informações e imagens; e, por isso, economistas, demógrafos, pesquisadores da mídia, geógrafos e outros profissionais, todos lidam com fluxos. (HANNERZ, 1997, p.10)

⁴ Perambular é um conceito muito apresentado nos trabalhos de Yanagi. Para o artista, perambular é cruzar as fronteiras, os limites.



Hannerz ainda apresenta duas noções de fluxo, sendo que a primeira refere-se ao deslocamento de algo, de um local para outro, num determinado tempo, estando ligada a uma questão territorial. “A segunda é essencialmente temporal sem implicações espaciais necessárias”. (HANNERZ, 1997, p. 11)

Considerar o fluxo como tempo é pensar nele em termos processuais, se opondo, portanto, ao pensamento estático. Já o fluxo numa dimensão espacial implica em pensar suas direções, e o sentido delas (origem → destino) é uma questão que divide pesquisadores. Hannerz (1997) afirma que para os que ainda associam globalização a americanização, a origem dos fluxos tenderia a vir sempre do centro dominante, no caso uma mistura de *Nova York, Hollywood* e a sede do Banco Mundial, o que traria como consequência a uniformidade global. Mas existem aqueles que já pensam na multidentalidade dos fluxos, admitindo fluxos entrecruzados e contra fluxos. No extremo da tendência “americanizadora”, estão aqueles que tendem a uma total descentralização, como Appadurai (2001) que não considera nem a possibilidade de múltiplos centros⁵.

Hannerz parece ocupar uma posição curiosa em relação ao tema, pois, embora defenda a existência de fluxos entrecruzados e contrafluxos, acredita, ao contrário de muitos pensadores contemporâneos, que seja totalmente possível distinguir os centros das periferias, visto que vários exemplos podem ser observados na “disseminação de algumas habilidades fundamentais e formas institucionais centrais que denominamos como modernidade”. (HANNERZ, 1997, p.14)

A perspectiva de Hannerz é a que mais nos interessa, pois admitir sentido de passagens é admitir também que existe uma demarcação a ser ultrapassada, um limite. Como as formigas de Yanagi, que cruzavam os tubos ultrapassando as “fronteiras das nações” e misturando seus respectivos traços identitários, existe um obstáculo a ser “vencido” para que os fluxos culturais entre centro-periferia possam ocorrer.

Como encontrar a unidade ou ponto, ou seja, o limite dos fluxos, no atual mapa de diversidade cultural é um trabalho praticamente impossível, os antropólogos começaram a utilizar o termo zona fronteira. Diferente de limite, a zona fronteira não é uma linha definida, mas uma região onde uma coisa gradualmente se transforma em outra, onde há incertezas e ambigüidades. Resumidamente: uma zona de convergência de correntes culturais.

⁵ Essa reflexão foi desenvolvida mais detalhadamente no texto “O camelódromo e a Cidade”, de Ludmila Brandão, publicado na Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, em 2009.



É neste “local” que ocorrem as recombinações culturais e que as identidades nacionais vão se diluindo, como as bandeiras de açúcar de Yanagi.

Na medida em que são enredadas nessas diversificadas correntes de cultura presentes em seus habitats, as pessoas, como seres culturais, provavelmente estão sendo moldadas, e modelam a si mesmas, por peculiaridades de sua biografia, gosto e cultivo de talentos. As identidades atribuídas ao grupo não precisam mais ser todo-poderosas. (HANNERZ, 1997, p. 18)

A intensificação da circulação pela globalização permitiu o surgimento de zonas promotoras de contato com a diferença, e como consequência, as transformações. É algo como uma crise identitária generalizada instalada tanto no âmbito das práticas socioculturais quanto das ciências, no trato com a dimensão cultural e suas dinâmicas. E é na zona de fronteira que surge o espaço para o agenciamento da cultura.

Embora muito utilizada no decorrer deste texto, não entraremos na discussão dos vários usos da palavra cultura, que em 1952 já tinha quase 300 definições catalogadas no livro de Kroeber e Klukhohn. Para este estudo, optamos pela definição provisória que Canclini propõe para cultura como sendo o “(...) conjunto dos processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (CANCLINI, 2005, p.41). Provisória porque para o autor, apesar de podermos pensar na cultura como um sistema em constante transformação, já nos distanciando da perspectiva essencialista e substantivadora da cultura, ele acabará preferindo, como Arjun Appadurai (2001), falar em “dimensão cultural” ao contrário de cultura, evitando definitivamente toda e qualquer retificação e simplificação do conceito. Uma das consequências dessa mudança está na desqualificação do conceito tão apreciado de identidade. Se outrora para pertencer a um grupo social bastava o pertencimento a uma mesma identidade territorial e quase sempre monolingüística, agora, na sociedade contemporânea globalizada, as identidades são transterritoriais e multilingüísticas. Estruturam-se menos pela lógica dos Estados do que pela dos mercados. Extrapolando a fronteira, a territorialização do sujeito é feita de acordo com outras lógicas, como o consumo.

De um processo homogenizador, a globalização passa a permitir o “permanente fluxo e reorganização do inventário cultural de toda a humanidade” (HANNERZ, 1997, p. 20). A mistura passa a ser a palavra de ordem na sociedade contemporânea.

Moda e Apropriações

Talvez o sistema da moda seja, aqui, um dos melhores exemplos da intensificação de determinados processos de transformação. A moda funciona, no Ocidente, não apenas como o propositor de modos de vestir, mas como propositor legitimado de corpos e modos de ver e viver o mundo (cultura e comportamento), editados a cada nova estação, sempre a partir do contato com algum Outro (o exótico, o distante, o esquisito, o antigo) que inspirará as “tendências” consagradas. Adaptar-se a essas tendências⁶ é quase um imperativo para os *fashion victims*.

Se a moda é composta por tendências, podemos dizer também que o vocabulário da antropologia transnacional o é. Em 1976, Raymond Williams publicou o livro *Keywords: a vocabulary of culture and society* no qual ele analisava cerca de 100 discursos centrais do século XX, curiosamente a tão *in voga* globalização, utilizada atualmente, não aparecia na obra. Como os processos sociais são ininterruptos, isto é, se produzem, circulam e se consomem na história social, os termos empregados para seu estudo também vão se alterando ao longo do tempo.

O termo fluxo, como vimos, extrapolou a zona antropológica e perpassa outras áreas para além da ciência. Mas será que os termos híbrido, mestiçagem e transculturação (tão utilizados frente a sociedade global) também o fazem? As evidências apontam que sim e extrapolam de tal forma que estão sendo utilizados até mesmo nos meios de comunicação ditos massificadores. Dentro da moda, e principalmente no jornalismo de moda, o que vemos é apropriação de híbrido, mestiçagem e transculturação. Se outrora o que designava as misturas no mundo *fashion* eram as “releituras”, “traduções” e “*mix*” (as duas primeiras provavelmente apropriadas de estudos bakhtinianos), hoje o vocabulário da antropologia transnacional parece ser a nova tendência nos meios de moda. Resta-nos a dúvida se realmente esses termos são a melhor opção para traduzir conceitualmente as misturas ocorridas nas práticas da moda. Através de uma pequena sondagem do vocabulário utilizado por críticos de moda em sites, revista de moda e *blog* tentaremos descobrir se os usos de “hibridismo”, “miscigenação” e “transculturação” reportam efetivamente às definições antropológicas em curso ou se inventam para si novos significados.

⁶ Segundo Garcia & Miranda (2005) o ciclo de vida da moda é chamado tendência. O sistema de moda necessita de renovação para ser mantido. São justamente os modismos a cada estação, ou a tendência, que dá suporte à moda, por natureza, transitória, mutável, finita.



Para a nossa sondagem, acompanhamos o *blog Fashionismo*. Comandado pela arquiteta e colunista de moda da revista *Chiques & Famosos*, Thereza Chammas, o *blog* pretende ser um espaço democrático para se falar do mundo da moda.

Os sites acompanhados, por sua vez, foram *Chic*⁷, *Portais da Moda*⁸ e *Fashion Bubbles*⁹. As escolhas não foram aleatórias, todos os três sites são bastante influentes na rede *fashion* brasileira e tratam de moda na cultura pop em geral. O *site Chic* tem a particularidade de ser da *hypada* consultora de moda Glória Kalil. A revista escolhida foi a *Estilo*, por não ser tão imagética quanto *Vogue* e mais acessível, e a *Elle Brasil* por ser internacionalmente reconhecida.

No período de um ano, nos *sites* e *blog*, graças à praticidade das ferramentas de busca foi possível sondar a frequência dos termos aqui estudados no conteúdo disponibilizado. Já nas revistas de moda, restringimo-nos às duas últimas edições.

Vale ressaltar que não iremos tratar das especificidades do jornalismo de moda nesses veículos, nos limitamos a refletir sobre a apropriação dos termos antropológicos pelos escritores de moda destes meios.

Hibridação

Como já vimos, as dinâmicas culturais, ou seja, os processos transformadores da cultura, são quase sempre articulados aos fluxos do mundo contemporâneo, especialmente à circulação de mercadorias, pessoas e informações etc. Em meio à essa circulação, o encontro entre os “objetos” dissimiles (pessoas, objetos propriamente ditos, idéias, valores), temos, na maioria dos casos, a produção de um terceiro sócio-cultural. A esses processos sócio-culturais nos quais estruturas ou práticas distintas que existiam de forma separadas se cruzam e produzem outras práticas distintas, Canclini (2006) nomeia hibridação.

Canclini escolhe hibridação, e não sincretismo ou mestiçagem, para nomear esses processos de fusão porque, para o autor, hibridismo é um termo que permite abarcar as misturas contemporâneas de um modo geral, como processos tecnológicos, migratórios e econômicos, enquanto que os demais termos se restringem a campos étnicos e religiosos.

⁷ www.chic.ig.com.br

⁸ www.portaisdamoda.com.br

⁹ www.fashionbubbles.com

(hibridismo) abrange diversas mesclas interculturais – não apenas raciais, às quais costuma limitar-se o termo ‘mestiçagem’ – e porque permite incluir as formas modernas de hibridação, melhor do que ‘sincretismo’, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais. (CANCLINI, 2006, p. 19)

O termo, originário da biologia, que está também presente no campo de estudos literários através das obras de Bakhtin (1968), e parece ser o termo favorito para designar fusões, segundo Hannerz (1997), é o vocábulo predileto dos críticos de moda.

Nos três sites pesquisados o termo é utilizado. No portal *Chic*, o termo híbrido aparecia no título e corpo de uma notícia que tratava da nova coleção de sapatos masculinos de Raf Simons.

Os tênis arrojados são normalmente o destaque da linha de sapatos do estilista belga Raf Simons (que além de sua marca pessoal assina as coleções da Jil Sander). Porém neste inverno 2011, ele apresenta híbridos de sapatos com sandálias, de tênis com coturnos e botas com sneakers numa bizarra mistura de estilos. (www.chic.ig.com.br/moda/noticia, visitado em 04/07/2010)

No *site* Portais da Moda a colunista Grazielle Cruz Abu Absi explica aos leitores o que seria a moda híbrida: aquela que “é caracterizada pela versatilidade das peças, misturas culturais e várias referências étnicas”. (ABSI, 2009). Grazielle Absi ainda chama atenção para o fato de que a mistura de tendências em busca de uma diferenciação pelos *fashionistas*¹⁰ pode também ser considerada uma moda híbrida e utiliza fotos de *looks* criados a partir de várias tendências como ilustração.

No *Fashion Bubbles* o termo é utilizado em uma matéria para tentar explicar a nova coleção verão 2011 da grife Reserva: uma mistura de “Surfe + skate + Califórnia + *streetwear* dos anos 1970”. (www.fashionbubbles.com, visitado em 04/07/2010)

Outras notícias sobre sapatos, bolsas ou vestimentas híbridas foram encontradas nos *sites*, mas as que escolhemos acima parecem ser as mais relevantes. Não encontramos nenhuma referência ao termo na revista e no *blog*.

Embora, para este estudo, tenhamos nos centrado nos três *sites*, gostaríamos de ressaltar que o termo é tão usualmente empregado que há ocorrência dele até em *sites* de fofoca sobre artistas, sempre noticiando acessórios ou vestimentas em que há mistura de

¹⁰ Seguidor de tendências.

tendências, como na manchete do *site* da revista *IstoÉ, Gente!* (2010): “Rihanna aposta em acessórios híbridos”.

Observando o uso da palavra híbrido nos *sites* fica clara a existência de uma confusão em torno do termo, sendo muitas vezes mal empregado. Nos dois últimos casos, o termo é usado não para designar uma nova produção advinda de uma fusão, mas para nomear combinações que não resultam em inovações. As produções com tendências distintas sustentam a ambiguidade, mas não inovam, são peças de vestimentas usadas em conjunto e só. Longe de ser uma conciliação harmônica de diferenças, o termo hibridação na antropologia é muitas vezes empregado em processos “violentos” de cruzamento. Na primeira notícia sobre a coleção de Raf Simons, o termo pode ser considerado utilizado de maneira adequada, pois o que vemos é realmente um terceiro vindo de dois objetos distintos. O sapato de Simons é o quê? Uma botinha? Um sapato? Um tênis? Um sapatênis de cano médio?



(Imagem retirada do site Chic, www.chic.ig.com.br)

Mestiçagem

Gruzinski (2001, p. 62) emprega o termo mestiçagem para designar as misturas que ocorreram em solo americano no século XVI entre seres humanos imaginários e formas de vida, vindos de quatro continentes, América, Europa, África e Ásia. Para o autor, a mestiçagem resulta de arranjos que não produzem algo que funcione sob todos os ângulos, nela há algo que “range”, que parece não funcionar direito, sendo que o processo de mestiçagem não é um estado extraordinário das relações interculturais que resultariam em um caos efêmero, mas uma condição permanente dentro dessas relações. “As mestiçagens nunca são uma panacéia; elas expressam combates jamais ganhos e sempre recomeçados”. (Gruzinski, 2001, p. 320)

No blog *Fashionismo* o termo mestiço apareceu uma vez, para explicar a inspiração do estilo da marca *Urussai* em sua coleção “moda mestiça, com referências brasileiras e

orientais”. Já no *site Portais da Moda*, o termo apareceu para noticiar o desfile do estilista Carlos Miele¹¹ intitulado “Mestiçagem”, apresentado na *London Fashion Week 2002*. Não há uma tentativa de explicar o termo diretamente na matéria, entretanto, fica claro as relações estabelecidas entre o termo e a questão da identidade brasileira, ou seja, a referência é a mistura biológica, conforme o uso proposto por Gilberto Freire no famoso *Casa Grande & Senzala*. Ao tentar explicar o conceito da coleção de Miele, há a seguinte afirmação: “o que ele quer, é mostrar que Brasil não se resume a samba, mulher e futebol, temos cultura, e mais que isso, temos identidade”. (www.portaisdamoda.com.br, visitado em 04/07/2010)

Na revista *Elle Brasil*, o termo apareceu uma única vez na edição especial 156 (ano 22, nº 4) que trazia um ensaio de moda intitulado “Terra Estrangeira” e o conceito era usado pela revista para evocar a moda de culturas distantes e exóticas, criando *looks* universais. O mestiço era explicado como um *mix*, palavra que designa mistura, de etnias.

Gruzinski (2001) alerta para a cilada da identidade, e em como esse conceito pode “a todo instante ser fetichizado, reitificado, naturalizado”. (GRUZINSKI, 2001, p. 53)

A revista faz exatamente aquilo que Gruzinski critica: ao contrário da desconstrução da pureza identitária proposta em seu uso do termo mestiçagem, a matéria insiste na conotação identitária, para designar combinações com tendências de etnias específicas, “puras”, principalmente as ditas exóticas, como as africanas. As combinações na moda chamadas mestiças podem até nos parecer “desengonçadas”, mas em nada repercutem o conceito que encontramos na obra “O pensamento mestiço” de Serge Gruzinski.

Transculturização

Hannerz (1997) explica que o termo surgiu em 1947 no livro *Contraponto cubano do açúcar e do tabaco*, de Fernando Ortiz, que definia transculturização como “um processo a partir do qual decorre uma nova realidade, transformada e complexa, uma realidade que não é um aglomerado mecânico de traços, nem mesmo um mosaico, mas um novo fenômeno, original e independente” (HANNERZ, 1997, p.27)

Na moda, o termo ainda é pouco explorado. Em todos os meios analisados não localizamos nenhuma incidência da palavra. Entretanto, no *blog Fashionismo* encontramos o *link* para a coluna *Moda e Estilo* de Patrícia Zambardino, consultora de estilo e *marketing* de

¹¹ Estilista brasileiro, dono da grife M.Officer e da marca que leva seu próprio nome. É referência no mundo *fashion* brasileiro.



moda, no qual a colunista tenta explicar as tendências da primavera-verão 2010 com base no processo de globalização. A colunista vai elencando vários tipos de estilos até chegar no “étnico-transcultural”.

Uma moda que não tem mais fronteiras que admite a globalização como processo irreversível, mas que quer assegurar a identidade de todas as culturas mais expressivas do planeta (destaque para o Oriente Médio e para a África) em tecidos rústicos tramados, sobrepostos, recortados, unidos em pequenos pedaços e reconstruídos. (...) Os calçados se apresentam como legítimas peças artesanalmente construídas, parecendo verdadeiros mosaicos culturais com adereços étnicos. (ZAMBARDINO, 2009, www.agoravale.com.br/)

Novamente o termo é utilizado não para indicar um fenômeno novo e independente, mas para falar de combinações de tecidos ou materiais de diferentes etnias, remetendo mais uma vez à noção de identidade.

Considerações Finais

Quando o estudo da apropriação pelo circuito da moda dos termos da antropologia transnacional foi proposto, considerei um absurdo. Leitora assídua de *sites*, revistas e *blogs* de moda nunca havia percebido a presença de etimologia antropológica neles, crendo, assim, ser inviável a execução do trabalho. Foi preciso boa dose de conversa e encorajamento com a orientadora para prosseguir e, para minha total surpresa, na minha primeira observação mais atenta já localizamos o emprego do vocabulário por alguns críticos, colunistas e jornalista de moda.

Ao longo da pesquisa fica clara a confusão conceitual presente nas apropriações, e o quanto os termos não se relacionam com as definições propostas ou, principalmente, o quanto o uso que fazem desses termos que, como diz Canclini, modificaram o modo de falar (acadêmico) sobre identidade, cultura, diferença, desigualdade, multiculturalidade, é um uso enviesado uma vez que insiste na perspectiva da cultura essencializada produtora de “identidades”. Vale ressaltar, que não queremos cobrar dos sites o rigor ao conceito. Na verdade, esse discurso jornalístico/comportamental acaba produzindo suas próprias misturas entre o senso comum e a ciência.

Embora não massificada, parece-nos que a utilização dos termos “híbrido”, “mestiço” e “transcultural” tende a se acentuar, especialmente o termo híbrido.

Acreditamos que assim como a circulação não é recente, a apropriação pela moda de termos oriundos de outras áreas também não é, basta observar os usos clássicos de termos como releitura, combinação, tradução. Isto nos diz que a nova linguagem é fruto da própria produção e consumo de nossa história social que vem celebrando a imagem do homem contemporâneo misturado, híbrido. Mais, esses termos usados pela crítica de moda acabam funcionando como um operador de tendência na moda, já que a palavra que remete a uma idéia, quanto mais usada, interfere na produção da moda e na criação do novo.

O que nos chama a atenção é que esses termos foram mais localizados em meios de comunicação virtual. Na realidade, nas revistas de moda em que fizemos a sondagem, a incidência foi quase nula. Uma hipótese para isso é o fato que a velocidade dos hipertextos na internet permite um acesso mais ágil a informações e, conseqüentemente, a apropriações. Outra hipótese é que a relação entre revistas de moda, *sites* ou portais e *blogs* obedece à engrenagem do mundo *fashion*. Se pensarmos na estrutura do consumo de moda, ela está mais ou menos distribuída assim: alta costura, *prêt-à-pórtier*¹² (*ready-to-wear* ou pronta pra usar) e *fast-fashions* (como o própria expressão indica, moda rápida e inspirada em grandes estilistas). As revistas de moda poderiam ser comparadas a alta costura, pouco acessíveis por seu valor, mantêm um certo tipo de *design* tradicional, têm um público restrito e iniciado, e sua crítica parece arriscar muito pouco, tendendo ao uso do jargão já clássico. Já os *sites* poderiam ser comparados a moda “pronta pra usar”. São universais, adaptam-se as necessidades de seus consumidores e, embora não sejam elaborados por profissionais renomados, precisam de mão de obra especializada e atenta ao surgimento das novas tendências no campo da moda, inclusive em seu vocabulário. Os *blogs* possuem semelhança com as *fast-fashion*, sendo um espaço democrático, que agrada a todos, sem compromisso com uma excelência de qualidade (não que as vestimentas das *fast-fashions*, como a Zara, e os *blogs* não possuam qualidades, mas é fato que há uma diferença entre eles e o par alta-costura/revistas de modas), com uma interação e acessibilidade maiores.

Voltando às apropriações, nosso intuito não foi criticar a utilização dos termos pelo mundo *fashion*, mas apontarmos para um usual desvio conceitual sem julgamentos, pois,

¹² Expressão que significa “pronto para vestir” ou “pronto para usar”. Indica roupas confeccionadas em série, como resultado da industrialização da moda. Até então, as roupas eram feitas sob encomenda e sob medida. O sistema *prêt-à-porter* cresceu principalmente nos Estados Unidos, onde as técnicas de produção de massa já estavam bem desenvolvidas. (Disponível em <http://www.termbases.eu>, acesso em 30/09/2009)



quem sabe, longe de ser erro a apropriação dos termos produza algo novo e inusitado? Na cultura global em que vivemos nada seria mais tendência.

Referências Bibliográficas

ABÉLÈS, Marc. “Préface”. Em: APPADURAI, Arjun. *Après Le colonialisme. Les conséquences culturelles de La globalisation*. Tradução do inglês: François Bouillot. Paris: Payot, 2001.

APPADURAI, Arjun. *Après Le colonialisme. Les conséquences culturelles de La globalisation*. Tradução do inglês: François Bouillot. Paris: Payot, 2001.

BRANDÃO, Ludmila. *O camelódromo e a cidade*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São Paulo, Vol. 16, Nº 25, 2009.

BARBARENA, Ricardo. *O cânone pós-colonial*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Patrimônio cultural e latinidade, Rio de Janeiro, Nº 35, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. Ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

ELLE BRASIL. São Paulo: Roberto Civita, 1988-.

ESTILO DE VIDA/IN STYLE. São Paulo: Roberto Civita, 2003-.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Tradução Roda Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HANNERZ, Ulf. *Fluxos, Fronteira, Híbridos: Palavras-chave da antropologia transnacional*. Revista Mana, Rio de Janeiro, Vol. 3, Nº1, 1997.

ZAMBARDINO, Patrícia. *Temporada de moda primavera-verão 2009-2010 para o Brasil*. São Paulo, junho 2009. Coluna Moda & Estilo. Disponível em: <www.agoravale.com.br/colunas/?id=14283&cod=222> . Acesso em: 09 jun. 2010



Sites

Chic – Glória Kalil (www.chic.ig.com.br)

Fashion Bubbles (www.fashionbubbles.com)

Fashionismo (www.fashionismo.com.br)

ISTOÉ, Gente (www.terra.com.br/istoegente)

Portais da Moda (www.portaisdamoda.com.br)

Termbases (www.termbases.eu)